

“ESTRELAS INDECIFRÁVEIS”: CIÊNCIA E LITERATURA EM EUCLIDES DA CUNHA

Luiz Fernando Valente* (Brown University - EUA)

Artigo recebido em: 30/11/2009

Aceito para publicação: 29/12/2009

RESUMO

Partindo da leitura de “Estrelas indecifráveis”, o surpreendente texto final de **À margem da história**, este ensaio retoma o debate sobre o relacionamento entre ciência e literatura na obra de Euclides, reaberto por Luiz Costa Lima em **Terra ignota: a construção de Os sertões** (1997). Segundo Costa Lima, no grande livro de Euclides a literatura seria apenas “elemento embelezador ou ressaltante de verdades cientificamente dispostas,” elemento este que, marginal, “não torna **Os sertões** obra literária.” Rejeitando a oposição centro/margem colocada por Costa Lima, este ensaio propõe, ao contrário, que é exatamente nos interstícios entre a ciência e a literatura que Euclides procura localizar aquela “Verdade” que, desde a “Nota preliminar” de **Os sertões**, afirmava ser seu objetivo. Não se trata aqui de uma síntese da ciência e da literatura. O método de composição utilizado por Euclides é o perfeito correlato da cosmologia que informa sua obra, na qual o cientificismo convive com crescentes dúvidas sobre o alcance da ciência. Como Euclides sugere em “Estrelas indecifráveis”, nem tudo cabe dentro dos limites do “espírito científico, que nos desvenda [a universalidade d]o destino das coisas,” pois coexiste com o espírito científico o “espírito religioso, aviventado pela eterna e ansiosa curiosidade de desvendarmos [a singularidade d]o nosso próprio destino.” Assim, a literatura nem ornamenta nem compensa os defeitos da ciência, havendo, ao contrário, entre as duas uma ambígua e paradoxal continuidade.

Palavras-chave: Euclides da Cunha, **Os sertões**

ABSTRACT

Using as its point of departure the startling “Estrelas indecifráveis” [Undecipherable Stars], the concluding text in *À margem da história* [On the Margins of History], this essay resumes the debate about the relationship between science and literature in Euclides da Cunha’s works, reopened by Luiz Costa Lima in *Terra ignota: a construção de Os Sertões* [Terra Ignota: The Construction of Rebellion in the Backlands]. According to Costa Lima, literature functions in da Cunha’s masterpiece only “to embellish or heighten scientifically organized truths”. Because of its peripheral position, it “doesn’t turn Rebellion in the Backlands into a literary work”. Rejecting the opposition between center and margin, proposed by Costa Lima, this essay contends, on the contrary, that it is exactly in the interstices between

science and literature that da Cunha seeks to find that “Truth”, which, as early as the “Preliminary Note” of *Rebellion in the Backlands*, he claims to be his goal. This essay does not argue for a simple synthesis of science and literature in *Rebellion in the Backlands*. The compositional method utilized by da Cunha is the perfect correlative for the cosmology that informs the work, where faith in the power of science coexists with growing doubts about the prospects for science. As da Cunha suggests in “Undecipherable Stars”, not everything fits within the limits of the “scientific spirit, which aims to reveal [the universal] destiny of things”, for the scientific spirit coexists with the “religious spirit, which is fueled by the perennial and anxious curiosity to reveal [the singularity] of our own destiny”. Thus, literature is neither mere decoration nor compensation for the deficiencies of science. Rather, there is an ambiguous and paradoxical continuity between science and literature.

Key words: Euclides da Cunha, **Os sertões**

I

Resenhando **Os sertões** logo após sua publicação, José Veríssimo afirma ser a obra prima de Euclides da Cunha “ao mesmo tempo o livro de um homem de ciência, um geógrafo, um geólogo, um etnógrafo; de um homem de pensamento, um filósofo, um sociólogo, um historiador; e de um homem de sentimento, um poeta, um romancista, um artista.” Assim, já em 1902 Veríssimo estabelecia as coordenadas do que viria a se tornar um lugar comum na recepção de **Os sertões**: trata-se de texto híbrido, síntese de história e literatura, ciência e arte. Até mesmo Afrânio Coutinho, apesar de privilegiar o aspecto literário do livro de Euclides ao defini-lo como “uma obra de ficção, uma narrativa heróica, uma epopéia em prosa da família de **A guerra e a paz**, da **Canção de Rolando** e cujo antepassado mais ilustre é a *Iliáda*,” não deixa de ressaltar que “**Os sertões** são dessas obras inclassificáveis dentro dos esquemas simplistas dos gêneros” pois “em **Os sertões**, há mistura de elementos de diversos gêneros, o ensaio, o drama, a ficção, até a poesia lírica. A forma que resultou é-lhe peculiar, específica” (COUTINHO, 1966, p.61).

É na contracorrente da fortuna crítica de **Os sertões** que Luiz Costa Lima, em **Terra ignota**: a construção de *Os sertões*, contesta tanto o suposto duplo caráter do livro, quanto a tendência mais recente de vê-lo prioritariamente como obra de ficção, defendendo, ao contrário, a tese de que em **Os sertões** a literatura está sempre subordinada à ciência.¹ Segundo Costa Lima a ciência detém autoridade central no livro, enquanto a literatura seria apenas “elemento embelezador ou ressaltante de verdades cientificamente dispostas” (LIMA, 1997, p. 264), elemento este que, marginal, “não torna **Os sertões** obra literária” (206). Assim, em **Os sertões** só “é permissível a entrada da literatura sob a condição de constituir uma cena de ornato” (LIMA, 1997, p. 138). Situado nas bordas da narrativa, como, por exemplo, na célebre formulação que “o sertanejo é antes de tudo um forte,” o literário constituiria “o ornamento aformoseador, a parte destacável em antologias . . . sem prejuízo do quadro central” (LIMA, 1997, p. 205). Entretanto, apesar de afirmar que “o papel da explicação permanece confiado à ciência” (LIMA, 1997, p. 143), Costa Lima talvez não esteja tão distante do *mainstream* da tradição crítica sobre **Os sertões** quanto nos quer fazer acreditar, na medida em que insiste sobre a existência do que chama uma *subcena*, “modelada por outro parâmetro” (LIMA, 1997, p. 168) que não a disposição científica, em passagens dominadas por “cascatas” de imagens de natureza especulativa ou fantasmagórica: “A subcena forma o leito de uma figura específica, a *terra ignota*, cujo caráter de mistério, de acidente não explicável, se

¹ É interessante lembrar que no livro *O controle do imaginário* (1989), Costa Lima havia proposto que “*Os sertões* são predominantemente obra de sociologia” (LIMA, 1989, p. 239).

rebela contra o propósito determinante-descritivo do aparato científico” (LIMA, 1997, p. 205). Esse elemento seria recalcado, porém, por uma “censura recorrente” (LIMA, 1997, p. 192), proveniente da centralidade da ciência. Segundo Costa Lima, só mais tarde, nos textos sobre a Amazônia na primeira parte de *À margem da história*, que desafiam “a homogeneidade pressuposta pelo clássico cálculo científico” (LIMA, 1997, p. 212), Euclides permitiria ao topos da *terra ignota* deixar o seu entrelugar na *subcena textual* para se insurgir “contra o monólogo que lhe impunha a ciência clássica” (LIMA, 1997, pp. 211-212).

O impressionante aparato teórico a que Costa Lima submete **Os sertões** me parece um gasto exagerado e, em última análise, desnecessário para se avaliar a relação entre ciência e literatura em Euclides da Cunha. Além disso, a separação das posições de Euclides face ao consórcio entre ciência e literatura em duas fases distintas é bastante questionável. Ao contrário, ao longo de sua carreira Euclides demonstra uma constante preocupação com o relacionamento entre literatura e ciência, ao mesmo tempo em que revela crescentes dúvidas sobre a pretendida onipotência explicatória da ciência. Examinemos alguns dos momentos em que Euclides expressa essas preocupações com maior eloquência.

Na célebre carta de 3 de dezembro de 1902, em que responde à resenha de **Os sertões** por José Veríssimo, Euclides, defendendo-se da crítica de Veríssimo à sua utilização de termos técnicos, não só afirma que “o consórcio da ciência e arte, sob qualquer de seus aspectos, é hoje a tendência mais elevada do pensamento humano,” mas prevê que “o escritor do futuro será forçosamente um polígrafo; e qualquer trabalho literário se distinguirá dos estritamente científicos, apenas, por uma síntese mais delicada, excluída apenas a avidéz característica das análises e das experiências” (CUNHA, 1966, v.II, p. 653). A noção da obra de arte como síntese é especialmente enfatizada:

Eu estou convencido que a verdadeira impressão artística exige, fundamentalmente, a noção científica do caso que a desperta – e que, nesse caso, a comedia intervenção de uma tecnografia própria se impõe obrigatoriamente – e é justo desde que não se exagere ao ponto de dar um aspecto de compêndio ao livro que se escreve, mesmo porque em tal caso a feição sintética desapareceria e com ela a obra de arte. (CUNHA, 1966, v.II, p. 53)²

Elucidativo é também seu discurso de posse na Academia Brasileira de Letras

² Apesar de seu pouco interesse pela estética, Euclides, com sua ênfase sobre a síntese, de certa forma se antecipa a Georg Lukács, para quem a obra de arte reintegra sinteticamente os fragmentos do real e representa o sujeito humano como uma totalidade: “A obra de arte deve, portanto, refletir correta e proporcionalmente todos os fatores importantes que determinam objetivamente o segmento da vida que ela representa. Deve refleti-los de tal forma que esse segmento da vida se torne compreensível por dentro e por fora, . . . [isto é,] que apareça como uma totalidade da vida” (LUKÁCS, 1970, p. 38).

(1906). Nele Euclides confessa como sua decepção inicial com a paisagem amazônica foi modificada pela leitura de uma monografia sobre a região, de autoria do botânico Jacques Huber, que lhe havia caído nas mãos pouco tempo antes, em Belém. Com sua prosa precisa e despojada de cientista, a monografia de Huber causa em Euclides uma comoção avassaladora, fazendo-o ver paisagem amazônica com outros olhos e assim compreender a realidade da Amazônia mais profundamente. Euclides sugere que Huber seria o autor de um novo tipo de obra, combinando ciência e arte, isto é, Huber seria um exemplo acabado daquele polígrafo que Euclides havia mencionado na carta a José Veríssimo como o modelo do “autor do futuro”:

Com efeito, a nova impressão verdadeiramente artística, que eu levava, não ma tinham inspirado os períodos de um estilista. O poeta que a sugerira não tinha metro, nem rimas: a eloquência e o brilho dava-lhes o só mostrar algumas aparências novas que o rodeavam, escrevendo candidamente a verdade. (CUNHA, 1966, v.I, p. 231)

Se por um lado Euclides, que se autoqualifica nesse discurso como “escritor por acidente” (CUNHA, 1966, v.I, p. 231), rejeita os exageros estilísticos da literatura ultra-romântica, e, de fato, quer marcar claramente sua separação “dessa literatura imaginosa, de ficções, onde desde cedo se exercita e se revigora o nosso subjetivismo” (CUNHA, 1966, v.I, p. 231), seu discurso está longe de ser uma peremptória afirmação da objetividade da ciência. Ao contrário, Euclides sugere que no coração da ciência pulsa uma “crescente instabilidade” (CUNHA, 1966, v.I, p. 231):

No submeter a fantasia ao plano geral da natureza, iludem-se os que nos supõem cada vez mais triunfantes e aptos a resumir tudo o que vemos no rigorismo impecável de algumas fórmulas incisivas e secas. Somos cada vez mais frágeis e perturbados. No perpétuo desequilíbrio, entre o que imaginamos e o que existe verificamos atônitos que a idealização mais afoqueada, apagam-no-la os novos quadros da existência. Mesmo no recessos das mais indutivas noções, não é fácil saber, hoje, onde acaba o racionalismo e principia o misticismo – quando a própria matéria parece espiritualizar-se no radium, e o concreto desfecha no translúcido e no intáctil; ou entram, improvisadamente, pelos laboratórios, renascidas, as quimeras transcendentais dos alquimistas. (CUNHA, 1966, v.I, p. 232)

Por isso, os cientistas seriam “uns tristes poetas pelo avesso” (CUNHA, 1966, v.I, p. 232). Citando um autor não especificado, Euclides propõe finalmente que “diante da realidade crescente . . . o nosso [i.e., dos cientistas] espírito está em contacto com um maravilhoso que faz empalidecer o de Milton” (CUNHA, 1966, v.I, p. 232).

Outro documento importante para a presente discussão é o prefácio de

Euclides ao livro **Poemas e canções** de Vicente de Carvalho (1907). Após se desculpar que sua “prosa [de] engenheiro” preceda os “versos do poeta”, Euclides assinala as limitações da ciência: “nem tudo é golpeantemente decisivo nesta profissão de números e diagramas. É ilusório o rigorismo matemático imposto pelo critério vulgar às formas irreduzíveis da verdade” (CUNHA, 1966, v.I, p. 483). Ao contrário, a “intimidade mais profunda com o mundo exterior” (CUNHA, 1966, v.I, p. 484), conseqüência inevitável do progresso da ciência moderna, libera em vez de cercear a imaginação, gerando uma forma de conhecimento que seria uma síntese de ciência e arte:

Ilude-se a nossa incompetência para abranger a simultaneidade do que aparece, por meio de processos vários nos nomes pretensiosos, mas na essência perfeitamente artísticos, porque consistem em exagerar os caracteres dominantes dos fatos, de modo a facultar-nos uma síntese, mostrando-nos menos como eles são do que como deveriam ser. Assim nós vamos – idealizando, conjecturando, devaneando. Na astronomia resumem-se as leis conhecidas menos imperfeitas; no entanto, à medida que ela encadeia os mundos, vai libertando-nos a imaginação. (CUNHA, 1966, v.I, p. 483)

Parceiros, antes que rivais, o poeta e o pensador (quer dizer, o cientista) marcham lado a lado em busca de uma “realidade maior” (CUNHA, 1966, v.I, p. 484), isto é, da verdade:

[...]nessa aproximação crescente entre a realidade tangível e a fantasia criadora, o poeta, continuamente mais próximo do pensador, vai cada vez mais refletindo no ritmo dos seus versos a vibração da vida universal, cada vez mais fortalecido por um largo sentimento da natureza. (CUNHA, 1966, v.I, p. 486)

Essa procura do sentido profundo das coisas se faz através de um tráfego ininterrupto entre a objetividade da ciência e a subjetividade da arte:

Assim nos andamos nós – do realismo para o sonho, e deste para aquele, na oscilação perpétua das dúvidas, sem que se possa diferenciar, na obscura zona neutral alongada à beira do desconhecido, o poeta que espiritualiza a realidade, do naturalista que tateia o mistério. (CUNHA, 1966, v.I, p. 483)

A atitude presente nas passagens comentadas acima atinge seu ápice no surpreendente segmento final de **À margem da história**, intitulado “Estrelas indecifráveis”. Escrito nos moldes de uma crônica, o texto comenta sobre as tentativas sempre frustradas dos astrônomos ao longo dos séculos para encontrarem uma explicação científica definitiva para a fabulosa estrela descrita no Evangelho de São Mateus, que teria guiado os três Reis Magos a Belém, desaparecendo em

seguida. Passando pelas hipóteses de Tycho Brahe (1546-1601), Girolamo Cardan (1501-1576) e John Goodrick(e) (1784-1796), Euclides chega finalmente à do grande astrônomo alemão Johannes Kepler (1571-1630). Kepler propôs que a aparição da estrela bíblica, supostamente um exemplar de estrela nova ou variável, isto é, uma estrela que se torna subitamente muito luminosa e que cintila com intensidade durante alguns dias, enfraquecendo gradativamente seu brilho, estaria relacionada com a rara conjunção dos planetas Júpiter, Saturno e Marte. Com base numa série de cálculos Kepler concluiu que a estrela que guiara os reis magos seria a mesma que ele observara em 1604, exatamente durante a conjunção dos três planetas. Euclides considera tal explicação tão improvável quanto as precedentes. Mas o que interessa realmente a Euclides neste texto é que apesar de todos os avanços da astronomia, as estrelas variáveis permanecem um mistério inexplicável, que coloca em questão “o que até agora parecia intangível e inabalável: as nossas fórmulas mais bem decoradas, os sistemas mais rígidos” (CUNHA, 1966, v.I, p. 423), ao mesmo tempo em que “escapa[m] inteiramente aos métodos ordinários da mecânica celeste” (CUNHA, 1966, v.I, p. 423). Em outras palavras, Euclides admite a existência na realidade de algo impenetrável às melhores explicações oferecidas pela ciência. Significativamente, Kepler é descrito como, ao mesmo tempo, homem da ciência e homem da fé, o qual, segundo Euclides, “jamais realizou a mais rápida observação de uma altura sem dobrar-se, genuflexo, ante a majestade emocionante do Infinito” (CUNHA, 1966, v.I, p. 422). Assim, “consorciando como nenhuma outra [alma], o espírito científico, que nos desvenda o destino das coisas, ao espírito religioso, aviventado pela eterna e ansiosa curiosidade de desvendarmos nosso próprio destino” (CUNHA, 1966, v.I, pp. 424-425), Kepler combina a racionalidade da pesquisa científica com a capacidade de transcender o superficialmente visível através do exercício da imaginação, ambas essenciais à busca de uma compreensão mais profunda da realidade:

E pensamos – maravilhados diante do crescer e do transfigurar-se da própria realidade, que, mesmo na esfera aparentemente seca do mais estreito racionalismo, se nos faz mister um ideal, ou uma crença, ou os brilhos norteadores de uma ilusão alevantada, embora eles não se expliquem, nem se demonstrem com os recursos da nossa consciência atual, como se não demonstram, nem se explicam, malgrado os recursos da mais perfeita das ciências, os astros volúveis, que pelejam por momentose morrem indecifráveis, como resplandeceu e se apagou a estrela radiosa, que norteou os Magos no deserto, e nenhum sábio ainda fixou na altura. (CUNHA, 1966, v.I, p. 425)

Não resta dúvida que o Euclides que se delineia nas passagens examinadas acima está longe de um indivíduo cuja confiança na capacidade da ciência de explicar e fazer sentido da totalidade do mundo real seria inabalável.

II

As dúvidas de Euclides da Cunha quanto à capacidade da ciência de dar conta da realidade que nos cerca aparecem muito cedo em seus textos a despeito da filiação do autor ao ideário cientificista do final do século XIX. **Os sertões** nos oferece um excelente ponto de partida para investigarmos a presença dessas dúvidas e, colateralmente, a função do literário e seu complexo relacionamento com o científico na obra de Euclides.

A intenção de Euclides ao escrever **Os sertões** não é, obviamente, produzir uma obra de ficção. Insistindo que seu propósito é buscar a verdade, como assinala a citação de Taine com que se fecha a “Nota Preliminar” (CUNHA, 1966, v.II, p. 100), Euclides assume a postura do cientista. Além disso, ao mencionar Gumplowicz e Taine, e ao fazer referência ao conceito de “sub-raças” e à tese social-darwinista do “esmagamento inevitável das raças fracas pelas raças fortes”, o autor se insere no pensamento histórico-científico dominante na Europa da segunda metade do século XIX. Entretanto, convivem na “Nota preliminar” elementos através dos quais Euclides se define como cientista com outros que colocam em questão a objetividade, a impessoalidade e a distância normalmente associadas à pesquisa científica. Por exemplo, a expressão “nós filhos do mesmo solo” (CUNHA, 1966, v.II, p. 99) aponta para um ponto de vista coletivo mais apropriado ao poema épico ou à literatura de fundação romântica do que à pesquisa científica. Reminiscente de autores românticos como José de Alencar ou Gonçalves Dias, esse ponto de vista se afasta da universalidade da ciência para situar Euclides como membro da comunidade nacional que, para parafrasear Benedict Anderson, pretende *imaginar* a nação brasileira³ no período da pós-Independência. Além disso, ao referir-se à campanha de Canudos como um “crime”, Euclides assume uma posição crítica bastante subjetiva, antagônica à objetividade supostamente científica e moralmente neutra expressa no conceito determinista do “esmagamento inevitável das raças fracas pelas raças forças”, ao qual havia aludido apenas três parágrafos antes. Começando por demonstrar a hegemonia de poderosas idéias européias no ambiente intelectual brasileiro da segunda metade do século XIX, a nota introdutória acaba, porém, por introduzir uma perspectiva alternativa, que já sugere em embrião o que as crescentes contradições em **Os sertões** vão revelar: o arcabouço científico importado da Europa, ao qual Euclides parecia inicialmente se curvar, vai-se mostrar insuficiente para seus propósitos. Desta forma, desde o início **Os sertões** mantém

³ Em *Imagined Communities: Reflections on the Origin and Spread of Nationalism* Benedict Anderson define a nação como “uma comunidade política imaginada – e imaginada ao mesmo tempo como inerentemente limitada e soberana” (6).

um relacionamento dialógico⁴ com o contexto ideológico em que se insere.

Dentro da estrutura tríplice de **Os sertões**, livro no qual geografia e história são duas faces da mesma moeda, a primeira parte, “A terra”, é concebida como a etapa inicial dentro de um grande esquema destinado a explicar como os eventos de Canudos seriam um produto inevitável do meio sertanejo e do “homem” (título da segunda parte) que ali fincou suas raízes.⁵ Nesse esquema a primeira parte pretendia ser um relato neutro de observações precisas sobre a geologia, a hidrografia, a orografia e a climatologia do sertão, destinado a reconstruir o ambiente físico em que a “Luta” (título da terceira parte) entre o sertanejo e as tropas republicanas teria lugar. Em consonância com esse esquema, o primeiro capítulo de “A terra” abre com uma descrição deliberadamente objetiva da geografia física brasileira. Gradualmente, entretanto, a linguagem conceitual começa a se entrelaçar com a linguagem figurada. Por exemplo, já no segundo parágrafo a descrição dos acidentes geográficos da orla marítima entre o Rio e o Espírito Santo culminam num símile que introduz uma nota de dramaticidade: “à maneira de escombros do conflito secular que ali se trava entre os mares e a terra” (II, 101). Mas é no final do quinto parágrafo que aparece uma passagem realmente surpreendente:

A terra sobranceia o oceano, dominante, do fastígio das escarpas; e quem a alcança, como quem vinga a rampa de um majestoso palco, justifica todos os exageros descritivos -- do gongorismo de Rocha Pita às extravagâncias geniais de Buckle -- que fazem deste país região privilegiada, onde a natureza armou a sua mais portentosa oficina. (CUNHA, 1966, v.II, p. 102)

O que chama especial atenção aqui não é tanto a referência às “extravagâncias geniais” de Henry Thomas Buckle (1821-1862), cujo projeto de uma história científica fundamentada numa série de “leis”, entre as quais figura preeminentemente o determinismo do meio sobre o homem, exerce, naturalmente, uma enorme influência no pensamento de Euclides, quanto a inesperada conexão entre as idéias do autor de **History of civilization in England** e a retórica barroca de Sebastião da Rocha Pita (1660-1738) na **História da América portuguesa**. Se por um lado, ao mencionar Buckle, Euclides assinala sua dívida para com o cientificismo europeu oitocentista, por outro lado, ao mencionar Rocha Pita, reconhece que para levar a cabo seu empreendimento

⁴ Mikhail Bakhtin, aliás, acreditava que o dialógico era intrínseco à condição histórica, e por isso estava presente em qualquer forma de discurso: “A orientação dialógica do discurso é, obviamente, uma propriedade de qualquer discurso. Trata-se da orientação natural de qualquer discurso vivo. Em todas as suas várias aproximações ao objeto, em todas as suas direções, a palavra encontra um mundo alienígena e não pode deixar de encontrá-lo numa interação viva, repleta de tensão. Somente o Adão mítico, cuja primeira palavra teria lidado com um mundo virgem e ainda desqualificado verbalmente, poderia realmente ter escapado, do começo ao fim, a essa inter-orientação dialógica com o mundo estrangeiro, que ocorre no objeto. O discurso humano concreto não tem esse privilégio: pode desviar de tal inter-orientação somente de maneira condicional e só até certo ponto.” (BAKHTIN, 1981, p. 279).

⁵ Essa seção reproduz o argumento sobre a primeira parte de *Os sertões*, “A terra”, que desenvolvemos anteriormente no ensaio “Entre Clío e Calíope: a construção da narrativa histórica em *Os sertões*”.

a objetividade da ciência não é suficiente. Euclides procura conciliar os paradigmas de Buckle e Rocha Pita, sugerindo que as próprias condições singulares do meio físico brasileiro, levantadas de acordo com critérios objetivos, condicionam a busca da verdade à redescoberta de um *estilo* inventado pelos *textos* que primeiro definiram a monumental singularidade da terra brasileira. Em realidade, porém, o “narrador sincero” tem à sua frente uma tarefa paradoxal: articular o determinismo de Buckle, baseado em leis impessoais, com o ufanismo gongórico de Rocha Pita, baseado numa visão subjetiva da grandiosidade do Brasil e em escolhas estilísticas altamente idiossincráticas. Ao mover-se na direção do conceito do excepcionalismo brasileiro, particularmente ao admitir seu assombro perante a supostamente única e estupenda natureza brasileira, Euclides, apesar de positivista e republicano, não só aparece como um herdeiro dos nossos primeiros cronistas, mas se revela mais uma vez como um continuador do projeto dos românticos. O que é, contudo, ainda mais importante para os propósitos deste ensaio, ao tentar conciliar o cientificismo universalista de Buckle com o barroquismo nacionalista de Rocha Pita, Euclides mostra que seu método narrativo repousa sobre a interpenetração do sistema que informa o cientista com o que rege o artista. À medida que a subjetividade e a retórica penetram na pretendida objetividade e sobriedade científicas, o texto de Euclides começa a deslizar entre científico e o ficcional.

O penúltimo segmento do primeiro capítulo da seção “A terra”, intitulado “Primeiras impressões”, inicia com uma frase que exemplifica perfeitamente o dilema euclidiano: “É uma paragem impressionadora” (CUNHA, 1966, v.II, p. 111). O ponto de partida da frase é a aparente certeza de que a paisagem física pode ser definida com precisão e objetividade. Em outras palavras, quando iniciamos a leitura da frase, ouvimos a voz de alguém que acredita ser possível dizer objetiva, impessoal e precisamente, o que aquela paragem é. Entretanto, o ponto de vista impessoal rapidamente cede lugar à perspectiva de um observador que se envolve com o que pretende descrever, como sugere o adjetivo “impressionadora”, com o qual a frase se fecha. O movimento da objetividade para a subjetividade, microcosmicamente identificado nessa passagem, se reproduz macrocosmicamente no segmento considerado como um todo. O parágrafo final menciona explicitamente um observador cujas impressões são comunicadas por meio da alegoria do sertão como um antigo mar, que aliás expande uma imagem já presente em **O sertanejo** de Alencar,⁶ e que vai reaparecer transformada em profecia no discurso milenarista do próprio Antônio Conselheiro:⁷

⁶ “Nem era preciso mais, tão forte é a seiva desses pastos, saturados do sal que ali deixaram as águas do oceano, quando cobriram toda a vastíssima região” (ALENCAR, 1959, III, p. 1127). Para uma perceptiva análise de outros elos literários entre Euclides e Alencar, particularmente a representação do sertanejo, seria útil consultar Lepoldo Bernucci’s *A imitação dos sentidos*, especialmente as páginas 19-24.

⁷ “Em 1896 hade rebanhos mil correr da praia para o certão; então o certão virará praia e a praia virará certão” (CUNHA, 1966, II, p. 208).

E por mais inexperto que seja o observador -- ao deixar as perspectivas majestosas, que se desdobram ao Sul, trocando-as pelos cenários emocionantes daquela natureza torturada, tem a impressão persistente de calcar o fundo recém-sublevado de um mar extinto, tendo ainda estereotipada naquelas camadas rígidas a agitação das ondas e das voragens... (CUNHA, 1966, v.II, p. 113)

Essa imagem do mar que vira sertão, mas deixa neste suas marcas, está em consonância com o transformismo⁸ que constitui o alicerce do pensamento histórico e sociológico de Euclides. Influenciado pelo evolucionismo, Euclides concebe o mundo como em constante processo de transformação e luta perene pela sobrevivência, como não deixa dúvida o terceiro parágrafo deste segmento: “As forças que trabalham a terra atacam-na na textura íntima e na superfície, sem intervalos na ação demolidora, substituindo-se com intercadência invariável, nas duas estações únicas da região” (CUNHA, 1966, v.II, p. 112). Há uma grande diferença, contudo, entre descrever o sertão com termos científicos, tais como “assomadas gnáissicas” (CUNHA, 1966, v.II, p. 112), e representá-lo metaforicamente como “um recém-sublevado mar extinto” ou como “mares de pedra” (CUNHA, 1966, v.II, p. 112), expressão que aparece no quinto parágrafo. Pode-se dizer, portanto que o texto transita entre o ontológico e o afetivo, entre o objetivo e o subjetivo, entre o histórico e o poético, e, em última instância, entre o científico e o ficcional. Ao reconstruir a história de Canudos, Euclides utiliza tanto a terminologia científica quanto a tropologia literária, ao mesmo tempo em que não consegue se evadir do choque de opostos. O segmento em questão, aliás, é construído em grande parte com base em contrastes -- objetividade e subjetividade, interior e exterior, movimento e repouso, espaço e tempo -- como ilustra o segundo parágrafo:

As condições estruturais da terra lá se vincularam à violência máxima dos agentes exteriores para o desenho de relevos estupendos. O regime torrencial dos climas excessivos, sobrevindo, de súbito, depois das insolações demoradas, e embatendo naqueles pendores, expôs há muito, arrebatando-lhes para longe todos os rebentos das montanhas; todas as variedades cristalinas, e os quartzitos ásperos, e as filades e calcários, revezando-se ou entrelaçando-se, repontando duramente a cada passo, mal cobertos por uma flora tolhiça -- dispondo-se em cenários em que ressalta, predominante, o aspecto atormentado das paisagens. (CUNHA, 1966, v.II, p. 111)

O que é ainda mais significativo é que no texto de Euclides os opostos se contaminam mutuamente, na procura de um equilíbrio que permanece, contudo,

⁸ Luís Costa Lima dedica um dos segmentos do capítulo sobre Euclides da Cunha em *O controle do imaginário* ao “transformismo sociológico” em *Os sertões* (LIMA, 1989, pp. 220-236).

instável e precário:

Dissociam-na nos verões queimosos: degradam-na nos invernos torrenciais. Vão do desequilíbrio molecular, agindo surdamente, à dinâmica portentosa das tormentas. Ligam-se e completam-se. E consoante o preponderar de uma e outra, ou o entrelaçamento de ambas, modificam-se os aspectos naturais. CUNHA, 1966, v.II, p. 112)

Mediadora de opostos, a natureza sertaneja funciona como um microcosmo dos contrastes que Euclides aponta como constituindo a trágica realidade do Brasil, dividido entre norte e sul, entre litoral e sertão, entre poderosos e marginalizados. Desta forma, Euclides, que, conforme sugerimos acima, era um apreciador dos primeiros cronistas e leitor dos românticos, revê a visão utópica elaborada por aqueles e desconstrói o estereótipo inventado por estes de uma natureza benfazeja, um dos elementos essenciais do complexo ideológico que rege o pensamento das elites brasileiras do século XIX.⁹

Todavia, é no grande livro da natureza que lições importantes vão ser aprendidas. Aquele equilíbrio que só se pode atingir através do embate de opostos, é, para Euclides, que afirmou em capítulo posterior que “a nossa história traduz notavelmente estas modalidades mesológicas” (CUNHA, 1966, v.II, p. 157), uma imagem do processo histórico brasileiro no século passado. Os trabalhos fundamentais de José Murilo de Carvalho, Emília Viotti da Costa e Richard Graham, mostraram que o projeto nacional das elites brasileiras no século passado, repousava na idéia da construção de uma ordem. No entanto sabemos que a ordem construída pelas elites, embora apresentada oficialmente como um produto espontâneo e natural do caráter nacional brasileiro, supostamente marcado pela benevolência, cordialidade e preferência pela conciliação, dependia, na realidade, da cooptação, do controle, e da marginalização de largos segmentos da sociedade brasileira. Como demonstra convincentemente Nicolau Sevcenko, Euclides tinha profundas diferenças de opinião com esse projeto.¹⁰ Tendo aprendido com a natureza sertaneja que qualquer equilíbrio é precário e que, além disso, é resultado não de uma acomodação, mas de um combate entre forças opostas, porém igualmente

⁹ O relacionamento do texto euclidiano com os textos dos primeiros cronistas e dos românticos é parodístico, entendida aqui a paródia como uma combinação de distanciamento crítico com apreciação, conforme demonstrou convincentemente Mikhail Bakhtin: “Aqui a paródia não é vista, obviamente, como uma rejeição do objeto parodiado” (BAKHTIN, 1984, p. 127). Essa visão da paródia é retomada por vários críticos contemporâneos, tais como Thomas E. Greene, que propõe que “toda imitação criativa mistura rejeição filial com respeito, assim como toda paródia presta sua própria homenagem oblíqua” (GREENE, 1982, p. 46)], e Linda Hutcheon, que considera a paródia “como um método de marcar continuidade e ao mesmo tempo permitir distância” (HUTCHEON, 1985, p. 20).

¹⁰ “Vemos em ambos os autores [Euclides da Cunha e Lima Barreto], portanto, elementos procedentes de grupos politicamente marginalizados e que careciam e lutavam por uma situação de real democratização, para poderemos dispor da plenitude das suas energias, até então reprimidas e embotadas. Ambos representavam elites intelectuais potencialmente alternativas, que se empenhavam diligentemente em construir as condições objetivas, capazes de propiciar o seu afloramento de modo a desdobrar em atos o seu projeto social. A marginalização que os clãs oligárquicos lhes impuseram desde o início só contribuiu para reforçar as suas posturas” (SEVCENKO, 1983, p. 210).

poderosas, Euclides formula uma nova concepção de ordem, esta sim autenticada por uma relação sincera com o ambiente natural brasileiro. Essa ordem, que reconhece e enfatiza contrastes e oposições, constitui uma alternativa à visão hegemônica das elites.¹¹ Em outras palavras, o enredo construído por Euclides para representar sua cosmovisão coloca em questão a fábula nacional construída pelas elites.

Ressalta também na passagem citada acima o uso da antropomorfização, à qual Euclides recorre em várias outras partes do segmento. Por exemplo, no parágrafo seguinte declara que as paisagens “denunciam . . . o martírio da terra, brutalmente golpeada pelos elementos variáveis” (CUNHA, 1966, v.II, pp. 111-112) e mais tarde fala dos “espessos lastros de seixos e lajes fraturadas, delatando idênticas violências” (CUNHA, 1966, v.II, p. 112). Assim, à semelhança do “narrador sincero”, que é levado a apontar o suposto crime perpetrado contra os sertanejos, os acidentes geográficos “denunciam” a violência cometida contra a natureza, e, à semelhança dos sertanejos, o meio físico do sertão é visto também como vítima inocente de um “martírio”.¹² Como sugerimos anteriormente, Euclides nunca rejeita os fundamentos científicos de sua época, inclusive a idéia de que os seres humanos são produtos do meio em que vivem. Todavia, a ficcionalização da natureza sertaneja, transformada numa verdadeira personagem através da antropomorfização, permite a Euclides reconfigurar imaginariamente o relacionamento entre o ambiente e o homem. Se em teoria é o meio que determina as ações humanas, agora o meio se transforma em contacto com o homem, assumindo até mesmo características humanas. Desde o início, portanto, o livro constrói, através de processos ficcionais, uma alternativa para o determinismo mesológico, que no curso de **Os sertões** se vai tornando cada vez mais problemático e cada vez mais insuficiente como explicação dos eventos de Canudos. Tais como as metáforas com que o segmento se encerra, a antropomorfização não é um mero artifício retórico, mas uma escolha formal indispensável para que Euclides possa construir sua versão da história de Canudos, e através dela comunicar sua visão sobre o sertão e sobre o Brasil. Podemos concluir, portanto, que Euclides, mesmo acatando vários dos seus preceitos, reconhece as limitações da história positiva e da ciência da sua época para discorrer sobre um Brasil que avulta cada vez mais singular e paradoxal. O autor precisa, portanto, recorrer a processos ficcionais a fim não somente de compensar aquelas insuficiências mas também de poder intervir na realidade brasileira de seu tempo e construir sua própria visão do Brasil.

¹¹ Ao fazer isso, Euclides é, a nosso ver, um continuador de José de Alencar, cujos romances de fundação revelam as contradições do pensamento das elites brasileiras no século XIX, e contém elementos que surpreendentemente colocam em questão uma parte importante do seu projeto. Ver nosso ensaio “Alencar’s Flawed Blueprints”.

¹² A primeira parte do livro termina, significativamente, com as seguintes frases: “O martírio do homem, ali, é o reflexo de tortura maior, mais ampla, abrangendo a economia geral da Vida. Nasce do martírio secular da Terra...” (CUNHA, 1966, v.II, p. 143).

III

Os processos descritos acima não se restringem à primeira parte, mas repetem-se ao longo do texto de **Os sertões**, intensificando-se na segunda e terceira partes. O arcabouço intelectual herdado da Europa oferece a Euclides os fundamentos para delinear as linhas mestras de sua investigação sobre Canudos. Entretanto as características universais daquele pensamento tornam-se insuficientes para Euclides, cujo projeto é prioritariamente nacional. A excepcionalidade do sertão (e, por extensão, do Brasil) desafia os próprios fundamentos da ciência. Assim, “não observamos [a seca] através do rigorismo do processo clássico, mas graças a higrômetros inesperados e bizarros” (CUNHA, 1966, v.II, p. 120), enquanto os ciclos climáticos do sertão “recordam o desdobramento de uma lei natural ignorada” (CUNHA, 1966, v.II, p. 122). O conhecimento científico existente se revela precário para lidar com a singularidade do sertão: “Nenhum pioneiro da ciência suportou ainda as agruras daquele rincão sertanejo, em prazo suficiente para o definir” (CUNHA, 1966, v.II, p. 118). Por isso, o sertão “até hoje desconhecido, ainda o será por muito tempo” (CUNHA, 1966, v.II, p. 118).

Como anteriormente citado, Euclides sugere em “Estrelas indecifráveis” que nem tudo cabe dentro dos estreitos limites do “espírito científico, que nos desvenda [a universalidade d]o destino das coisas”, pois coexiste com o espírito científico o “espírito religioso, aviventado pela eterna e ansiosa curiosidade de desvendarmos [a singularidade d]o nosso próprio destino” (CUNHA, v.I, p.425). O literário representa a realização mais plena dessa dialética entre o universal e o particular, indispensável ao conhecimento do mundo. Retomando nosso argumento sobre **Os sertões**, podemos dizer que a *construção* do sertão, do sertanejo, dos eventos de Canudos e, finalmente, de um verdadeiro “retrato do Brasil” depende da contiguidade entre a ciência e a ficção. Ao mesmo tempo, o texto de **Os sertões** demonstra que a ficção não é um mero reflexo de um contexto histórico-cultural, que supostamente a precede e prefigura, mas possui a capacidade de criar alternativas que suplementam e reconfiguram aquele contexto. Assim, o literário não é nem ornamento nem compensação para as imperfeições ou limitações da ciência, havendo, ao contrário, entre literatura e ciência uma ambígua e paradoxal continuidade.

A ficcionalização é intrínseca ao texto de **Os sertões** porque através dela o autor pode aprofundar sua indagação e começar a imaginar possíveis soluções para as contradições que sua reflexão sobre o Brasil vai descobrindo, inclusive as limitações da ciência importada dos grandes centros culturais para representar a realidade do sertão. Desta forma podemos ler o recurso à ficção como uma alternativa ao processo de colonização intelectual do Brasil pela Europa, e uma

afirmação da diferença nacional. Em outras palavras, a ciência praticada no Brasil podia ser qualificada, empregando uma clássica formulação euclidiana, como uma “ciência de empréstimo”. É significativo que praticamente todos os cientistas citados por Euclides sejam estrangeiros. Por outro lado, o sistema literário brasileiro já havia adquirido maturidade suficiente no século XIX para que, como demonstra Antonio Candido em **Formação da literatura brasileira**, os brasileiros pudessem tomar “consciência da sua existência espiritual e social através da literatura” (CUNHA, 1966, v.II, p. 363). Não deve surpreender, portanto, que Euclides vá buscar nos primeiros cronistas e em ficcionistas como Alencar seus modelos literários, inserindo-se, assim, deliberadamente, numa tradição autenticamente nacional.

“Estrelas indecifráveis” expande essa reflexão para além das fronteiras nacionais revelando, contudo, uma curiosa continuidade entre o sertão brasileiro e o Oriente Médio, de onde provém o ímpeto inicial para este texto, ambos descritos, por exemplo, como um “velho mar extinto” (CUNHA, v.I, p. 418). Da mesma forma como em **Os sertões** Euclides combinara Buckle com Rocha Pita, em “Estrelas indecifráveis” o autor recorre a Vergílio como “êmulos de Pitágoras e precursor de Copérnico” (CUNHA, v.I, p. 418), na medida em que cerca de quatro décadas A.C. o poeta latino imaginara profeticamente em sua *Écloga IV* que, face ao nascimento do Messias e ao advento de uma nova Idade de Ouro, “no seu eixo abalado o mundo oscilaria” (CUNHA, v.I, p. 418). Insatisfeito com a concepção newtoniana de um mundo regido por leis mecânicas inflexíveis, “tão distanciada de nós quanto a doutrina ontológica que imobilizava a Terra no centro invariável do universo” (CUNHA, v.I, p. 424), Euclides se extasia diante de um universo que o autor só consegue começar a explicar por meio de um discurso impregnado pelo literário, isto é, um universo construído com base em termos tais como a “majestade emocionante do Infinito” (CUNHA, v.I, p. 422) e populado, antropomorficamente, por “astros volúveis” (CUNHA, v.I, p. 425).

Não há dúvida que a intenção de Euclides é buscar a verdade. Entretanto quanto mais essa busca se aprofunda, tanto mais o autor vai abandonando as certezas do pensamento científico, localizando-a, antes, numa zona de fronteiras indefinidas, acessível somente nos interstícios entre a ciência e a ficção.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, José de. **Obra completa**. Rio de Janeiro: Aguilar, 1959. 4.v.

ANDERSON, Benedict. **Imagined Communities: Reflections on the Origins and Spread of Nationalism**. London: Verso, 1983.

BAKHTIN, Mikahil. **Problems of Dostoevsky's Poetics**. Trad. de Caryl Emerson. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1984.

_____. **The Dialogic Imagination**. Trad. de Caryl Emerson e Michael Holquist. Austin: University of Texas Press, 1981.

BERNUCCI, Leopoldo. **A imitação dos sentidos: prógonos, contemporâneos epígonos de Euclides da Cunha**. São Paulo: EDUSP, 1995.

CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos**. 2 vols. São Paulo: Martins, 1959.

CARVALHO, José Murilo de. **A construção da ordem: a elite política imperial**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1981.

COUTINHO, Afrânio. **Os sertões**, obra de ficção. In: _____. **Obras completas** de Euclides da Cunha. Rio de Janeiro: Aguilar, 1966. v.II, p. 57-62.

CUNHA, Euclides da. **Obras completas**. Rio de Janeiro: Aguilar, 1966. 2.v.

GRAHAM, Richard. "1850-1870." **Brazil: Empire and Republic, 1822-1930**. Ed. por Leslie Bethell. Cambridge: Cambridge University Press, 1989. p. 113-160.

GREENE, Thomas M. **Light in Troy: Imitation and Discovery in Renaissance Poetry**. New Haven: Yale University Press, 1982.

HUTCHEON, Linda. **A Theory of Parody: The Teaching of Twentieth-Century Art Forms**. New York: Methuen, 1985.

LIMA, Luís Costa. **O controle do imaginário: razão e imaginação nos tempos modernos**. Rio de Janeiro: Forense, 1989.

_____. **Terra ignota**: a construção de *Os sertões*. Rio: Civilização Brasileira, 1997.

LUKÁCS, Georg. “Art and Objective Truth.” **Writer & Critic and Other Essays**. Ed. e trad. por Arthur D. Khan. NY: Merlin Press, 1970-. pp. 25-60.

ROCHA PITA, Sebastião da. **História da América portuguesa**. Lisboa: Francisco Artur da Silva, 1880.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão**: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. São Paulo: Brasiliense, 1983.

VALENTE, Luiz Fernando. “Alencar’s Flawed Blueprints.” **Homenagem a Alexandrino Severino**: Essays on the Portuguese-Speaking World. Ed. por Margo Milleret e Marshall C. Eakin. Austin: Host, 1993. p. 148-166.

_____. “Entre Clio e Calíope: a construção da narrativa histórica em **Os sertões**”. **História, Ciências, Saúde**: Manguinhos, V, suplemento (Julho, 1998). pp. 39-55.

VIOTTI DA COSTA, Emília. **Da monarquia à república**: momentos decisivos. São Paulo: Grijalbo, 1977.